

CORPOS E DESEJOS A DERIVA: DA CARÊNCIA DE AMOR AOS (DES)ENCONTROS DE AFETIVIDADE NA METRÓPOLE

Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo¹ (UFT)

Resumo:

Caio Fernando Abreu é considerado o primeiro escritor brasileiro a tematizar a AIDS e ele o faz de forma muito sutil em boa parte de sua obra, principalmente quando ele se refere à decadência do corpo de seus personagens em detrimento da doença. Nosso objetivo neste artigo é realizar um mapeamento do impacto da AIDS na relação afetiva e sexual dos personagens homossexuais em contos de Caio Fernando Abreu, de modo a evidenciar duas perspectivas em relação à doença: uma negativa e outra positiva, que nos revela a possibilidade de novas formas de afetividade e erotismo entre sujeitos contaminados pelo vírus letal da AIDS, cujas representações sociais, morais e biológicas ainda hoje influenciam certos discursos e representações sociais, cujas imagens, premissas de significação, produzem, por vezes, representações negativas e/ou distorcidas acerca da doença, seus efeitos e sintomas, e, principalmente, sobre aqueles que são portadores do vírus HIV. São representações que precisam ser questionadas para que possamos redefinir essas interpretações, suas condições de produção e circulação em nosso meio social.

Palavras-chave: *Literatura; Homoerotismo; Caio Fernando Abreu; AIDS.*

1. Introdução

Caio Fernando Abreu é considerado o primeiro escritor brasileiro a tematizar a AIDS e ele o faz de forma muito sutil em boa parte de sua obra, principalmente quando ele se refere à decadência do corpo de seus personagens em detrimento da doença.

Em relação a este discurso da AIDS e suas implicações na vida afetivo-sexual e social daqueles que foram contaminados pelo vírus, Ítalo Moriconi afirma que se pode

constatar facilmente que o discurso da Aids, em torno da Aids, pautado pela Aids, já estava presente na obra de Caio desde o início da epidemia, na primeira metade da década de 80. Diante da possibilidade de que ele mesmo viesse a se tornar vítima, tal como já ocorria a todo instante com tantos e tantos de seus amigos próximos e distantes, sua postura foi idêntica à de muitos no Brasil, cheia de contradições, idas e vindas, já que a epidemia colocava no centro do debate algo que havia começado a se tornar simples e que de repente ficava complicado de novo – a vivência da condição homossexual (bissexual?) masculina (2002, p. 14).

Exemplar desse discurso em torno da AIDS que já aparece na década de 1980 na produção de Caio F. são os contos “Linda, uma história horrível” e “Dama da noite”, incluídos em *Os dragões na conhecem o paraíso*, publicado originalmente em 1988.

São contos que giram em torno da temática do amor, ou como diria Caio F., de uma “espécie de amor”, dada a carência de afetividade, a solidão e a ausência de amor, causa maior das perambulações dos personagens em constante peregrinação pelas ruas, bares, boates, saunas e becos buscando, mesmo que por um momento fugaz, um laço de afetividade, um abraço, uma carícia, um beijo, um toque, um olhar....uma espécie de amor, que se relaciona com certa frequência à solidão, à melancolia, ao medo e à morte anunciada, em alguns contos, pela AIDS.

De acordo com Denise Jodelet (2001, p. 18), nos anos 1970/1980 houve a eclosão de duas concepções em relação à AIDS amplamente difundidas em nossa sociedade: uma moral e social; outra, biológica. Na primeira, a AIDS era representada como uma “doença-punição” àqueles cuja conduta era considerada pela sociedade como degenerada e permissiva, cuja irresponsabilidade sexual advinda da liberdade sexual e pelo rompimento com os padrões dos “bons costumes” receberam como punição a AIDS. Essa concepção baseia-se em uma ordem moral e conservadora que é largamente influenciada por instâncias religiosas, sobretudo pela Igreja Católica, que é contra o uso de preservativos e contra o sexo antes e fora do matrimônio.

Nesse sentido, as campanhas governamentais qualificavam a doença como “decadência moral, religiosa, castigo de Deus ou vingança da natureza” (JODELET, 2001, p. 18), tendo como seus portadores os drogados, os hemofílicos, os homossexuais e os receptores de transfusões. Como vetores do mal apontavam o sangue e o esperma. Essa concepção moral e social da AIDS, ainda presente em nosso cotidiano, faz dela “um estigma social que pode provocar ostracismo e rejeição e, da parte daqueles que são assim estigmatizados ou excluídos, submissão ou revolta” (JODELET, 2001, p. 19). Vítimas sociais marginalizadas pela concepção moral e social em relação à AIDS, os homossexuais foram considerados os principais portadores e transmissores da doença nas décadas de 1970/1980.

Na segunda concepção, de cunho biológico, o sangue e o esperma, os dois vetores do mal, são considerados os principais responsáveis pela transmissão da doença. Além disso, as secreções corporais ou os objetos nos quais estão depositados também eram considerados como transmissores da AIDS, de tal modo que até mesmo os contatos corporais, na concepção biológica, deveriam ser excluídos, tendo como resultados diretos a ausência de afetividade, de relacionamentos e a solidão, três elementos que fazem parte do cotidiano dos personagens homossexuais representados por Caio F. quando se refere à AIDS.

Enfim, estas duas representações sobre a AIDS, tanto a social e a moral quanto a biológica, contribuíram e ainda hoje influenciam certos discursos e representações sociais, cujas imagens prenes de significação, produzem, por vezes, imagens negativas e/ou distorcidas acerca da doença, seus efeitos e sintomas, e, principalmente, sobre aqueles que são portadores do vírus HIV. Representações que precisam ser questionadas para que possamos redefinir essas interpretações, suas condições de produção e circulação em nosso meio social.

2. Representações da AIDS e da morte em contos de Caio Fernando Abreu

Na narrativa “Linda, uma história horrível”, temos a representação do regresso do protagonista ao seio familiar, do reencontro com a mãe depois de longo período fora de

casa, da dificuldade em se relacionar afetivamente com ela e, sobretudo, da carência de afetividade e da própria sobrevivência diante da morte anunciada.

O protagonista, que está contaminado pela “peste”, como era conhecida e denominada a AIDS nas décadas de 1970 e 1980, particularmente como a “peste gay”, como se o vírus fosse tão seletivo que contaminasse somente aqueles que tivessem uma orientação sexual fora dos padrões heteronormativos, regressa à casa materna depois de longo período afastado.

Felizmente, com o passar do tempo e com o avanço da epidemia, ainda na década de 1980, descobriu-se, pela morte de várias pessoas contaminadas, inclusive algumas personalidades, que o vírus não faz escolha nem de classe, nem de raça, nem de sexo, pois ele pode contaminar a todos.

No referido conto, os dois personagens, a mãe e o protagonista, não são nomeados, apenas a cadela, Linda: velha, cega, muito magra, com manchas rosadas pelo corpo, sem pelo, sarnenta, “esperando a morte”. Uma espécie de projeção da doença do protagonista na cadela.

A mãe, ao receber o filho, que chega durante a noite sem avisar, porque ela não tem telefone, contempla o seu rosto por alguns instantes antes de lhe abrir a porta. O primeiro contato entre ambos nos revela a dificuldade encontrada por eles para demonstrarem um pouco de afetividade, de amor.

Entre uma conversa e outra, ambos foram para a cozinha tomar um café e conversar um pouco. Durante o pequeno percurso entre a porta da sala e a cozinha, o protagonista observa que a mãe está bem mais velha: “Velha que dá medo. __ Fechou o robe sobre o peito, apertou a gola com as mãos. Cheias de manchas escuras, ele viu, como sardas (*ce-ra-to-se*, repetiu mentalmente), pintura alguma nas unhas rentes dos dedos amarelados de cigarros” (ABREU, 2005, p. 22, grifos do autor em itálico). As manchas escuras na pele da mãe também são um reflexo das próprias manchas provocadas pela AIDS na pele do protagonista. De modo que os indícios de sua contaminação vão sendo revelados ao leitor progressivamente, indiretamente, nas entrelinhas do texto. Somente ao final da narrativa há uma referência mais explícita, direta.

De repente, o protagonista sente um desejo enorme de voltar, de ir embora dali, da casa materna, da cidade provinciana que havia deixado para trás havia longo tempo:

Como se volta a fita num videocassete, de costas, apanhar a mala, atravessar a sala, o corredor de entrada, ultrapassar o caminho de pedras do jardim, sair novamente para a ruazinha de casas quase todas brancas. Até algum táxi, o aeroporto, para outra cidade, longe do Passo da Guanxuma, até outra vida de onde vinha. Anônima, sem laços nem passado. Para sempre, para nunca mais. Até a morte de qualquer um dos dois, teve medo. E desejou. Alívio, vergonha (ABREU, 20005, p. 23).

Neste trecho, temos uma referência à cidade onde se encontram a mãe e o protagonista: Passo da Guanxuma. Este foi o nome fictício que Caio Fernando Abreu criou para se referir a sua cidade natal: Santiago do Boqueirão, no Rio Grande do Sul, quase fronteira com a Argentina. O que percebemos nesse conto, assim como em outros, em cartas e crônicas de Caio F. é a presença de alguns elementos biográficos que são transmutados para o ficcional, sobretudo a partir do momento em que descobre ser

portador do vírus da AIDS. Para o escritor, não havia necessidade de uma biografia sobre ele, pois tudo que poderia ser dito sobre sua vida já estava presente em sua produção (contos/crônicas/cartas).

Momentos antes, quando estávamos discutindo e analisando as cartas/crônicas escritas por Caio F., quando hospitalizado por causa da AIDS, evidenciamos que o escritor, após sair do hospital, seguiu para a casa dos pais, que haviam deixado Santiago do Boqueirão e ido residirem em Porto Alegre.

Nesse conto, temos o protagonista que, contaminado pelo vírus, sozinho, doente, solitário, vê na casa materna, que pode representar acolhimento, segurança, carinho e afetividade, a única possibilidade de recolhimento seguro em um momento tão difícil para ele. Este é um momento de reencontro: com a mãe e com as memórias guardadas a sete chaves. Daí o medo do protagonista e o desejo repentino de partir, de voltar para o anonimato da cidade grande, da metrópole, mas ele não tem mais forças para tal empreitada, pois sabe da fragilidade de seu corpo doente, de sua solidão e sua carência de amor, que pode, talvez, ser suprida pela “carícia torta” da mãe que lhe toca as mãos muito brancas, ocasionalmente, quando lhe solicita um isqueiro para acender o cigarro.

A dificuldade em expressar amor e afetividade entre os dois personagens é latente ao longo da narrativa. Ambos são seres solitários, fechados em si mesmos, uma espécie de casulo que os protege do mundo, mas no fundo, por trás dessa casca pouco espessa há o calor humano, um fio de afetividade, de amor, de compaixão, apesar do tom rude, direto e seco da mãe quando se dirige ao filho.

A mãe, entre uma conversa e outra, pergunta ao filho pela saúde, com um olhar extremamente indagador. O olhar questionador da mãe, direto, olho no olho, pela primeira vez, provoca certo desconcerto no protagonista, pois tem consciência de que no fundo a mãe sabe o motivo pelo qual está ali. Embora velha demais, como nos diz o protagonista, com sua pele manchada, costas curvadas, magra e ainda fumando, a mãe observa os sintomas da epidemia no corpo adético do filho, que está magro demais e tossindo muito, fora as manchas que ele também tem pelo corpo. Manchas que se assemelham às da cadela Linda e às de sua mãe.

O diálogo é tenso, direto e cortante entre os dois. A tensão advém do nervosismo, da ansiedade, do medo. Medo de afirmar: “Mãe, estou com AIDS”. Medo de revelar àquela que pode lhe oferecer um fio de amor e carinho que está doente, que vai morrer em breve. A mãe sabe da peste, viu na tevê. E o filho esquिवasse da resposta à pergunta cortante, saindo pela tangente ao indagar sobre uma velha amiga.

No entanto, a mãe, atenta, retoma o fio da conversa e resgata da memória a viagem que fez para visitar o filho e o amigo Beto. Na verdade, pelos indícios do conto, o parceiro do filho. A memória da mãe revela bons momentos que os três passaram juntos. Memórias afetivas que emergem e provocam no protagonista certo desconcerto, pois ele presume a possível pergunta que a mãe irá fazer. Para ela, os dois, juntos, pareciam irmãos, tão bonitos juntos, mesmo jeito, mesma altura. Até o momento em que o olhar dela fisga o do filho para perguntar por Beto. Ao responder que fazia muito tempo que não o via, ela indaga novamente o porquê do distanciamento dos dois.

A ausência de resposta do protagonista é mais expressiva e significativa do que se ele de fato tivesse dito explicitamente que está contaminado pela AIDS. A palavra entrecortada pelo silêncio, pelo tremor na voz, pela emoção muda, revela à mãe o que já havia pressentido ao observar melhor e mais atentamente o seu condicionamento físico. As

entrelinhas e o silêncio do personagem são reveladores tanto de uma condição de um corpo aidético, frágil, debilitado, quanto de um ser humano carente de afetividade, de carinho, e, principalmente, de compreensão e acolhimento. É justamente por isso que o protagonista recolhe-se à casa materna.

No instante exato em que a mãe obtém do filho a resposta do por que do afastamento dele de Beto, ocorre uma transformação instantânea, dado o seu nervosismo, suas atitudes grosseiras e diretas, como, e.g., jogar bruscamente a cadela doente ao chão, feito pano de chão sujo, assim como a louça que é jogada a pia. O ato de a mãe jogar detergente e água corrente na louça suja e também a cadela Linda ao chão revela a imagem de uma tentativa de purificação, de se livrar daquilo que é impuro. Infelizmente, ela não pode livrar o filho da doença, da peste, de modo que a única coisa que lhe resta a fazer é acolhê-lo em sua casa.

Em um tom ao mesmo tempo direto e cortante, próprio da matriarca, ela se volta ao filho e simplesmente diz a ele que seu quarto continua do mesmo jeito. Na verdade, a imagem que temos da mãe expõe a dificuldade que ela tem não somente em aceitar a situação dramática e terminal do filho, mas, sobretudo, em expressar seus sentimentos maternos, de acolhimento e proteção. Por isso mesmo, ela, em um dado momento, beija as faces do filho, um gesto materno ao qual ele não está acostumado, pois não faz parte da rotina da matriarca, que ainda deixa transparecer “uma espécie de amor”, de piedade por aquele ser que é carne de sua carne, sangue de seu sangue.

Em “Linda, uma história horrível”, ao falar indiretamente de sua doença e de seus sintomas, o protagonista projeta nas “descrições da decadência física da cadela chamada Linda, na velhice da mãe e na deterioração física da casa materna” (OLIVEIRA, 2009, p. 121) a própria imagem de si mesmo, de seu corpo aidético, perceptível principalmente ao final da narrativa quando ele se encontra sozinho na sala, depois de a mãe ter ido se deitar, em frente ao espelho, e retira a camisa praticamente molhada, devido aos suores excessivos, para melhor examinar os sintomas da AIDS, principalmente as manchas púrpuras em sua pele.

Se em “Linda, uma história horrível”, temos metáforas que nos remetem à AIDS, em “Anotações sobre um amor urbano” há referências explícitas, sobretudo o que se refere à carência de amor e aos (des)encontros de afetividade na metrópole, pois o amor virou risco de vida. Daí a dificuldade em se relacionar afetivamente com o outro em um contexto assolado pela peste.

O referido conto está incluído na coletânea *Ovelhas negras*, publicada em 1995, que reúne contos produzidos entre as décadas de 1960 e 1990. Na introdução feita pelo escritor, ele afirma que os contos reunidos nesta coletânea são uma “espécie de autobiografia ficcional” (2002b, p. 03). Por sua vez, no conto do conto, espécie de miniprefácio que antecede aos contos, o autor afirma que “entre 1997, quando foi escrito, e 1987, este texto passou por várias versões” (2002b, p. 185). Três versões anteriores foram publicadas anteriormente em jornais e revistas. Contudo, para Caio F. esse texto não lhe parece “pronto”, finalizado: “talvez o jeito meio sem jeito destes pedaços mais parecidos com fragmentos de cartas ou diário íntimo afinal seja a sua própria forma informe e inacabada” (2002b, p. 185).

O período compreendido entre 1977 e 1987 abarca duas décadas marcadas profundamente pela propagação do vírus da AIDS e pela morte provocada pela doença. Nesse conto percebemos, desde o conto do conto, indícios daquilo que o próprio escritor denominou de uma “espécie de autobiografia ficcional”, embora ele ainda não tivesse

descoberto por meio de laudo médico que também estava contaminado pela doença. O leitor deve lembrar que, embora Caio F. tenha confirmado que era soropositivo apenas em 1994, pelo histórico e pelas contas feitas em parceria com seu médico, como o próprio escritor afirma em suas cartas/crônicas, ele já estava contaminado há cerca de dez anos, ou seja, desde a década de 1980.

No conto, o narrador/protagonista inicia sua narrativa resgatando de sua memória justamente a dificuldade por ele enfrentada para estabelecer o primeiro contato corporal com o outro. A necessidade do toque, de sentir a pele e o calor do outro na ponta dos dedos explicita o quão difícil foi para os homossexuais, estigmatizados pela doença e ameaçados constantemente pelo vírus da AIDS, (re)atar laços de afetividade, pois há o medo constante da morte que ronda, levando o protagonista até mesmo a pedir desculpas por sua vontade de tocar o outro.

A simples ação de estender o braço para tocar o outro é vista pelo protagonista como um ato heróico, resultado de um momento que mescla tensão, ansiedade e medo de não ser correspondido pelo outro. A tentativa de aproximação entre os dois personagens nos revela uma imagem cujo sentido remete às incertezas do amanhã e de depois de amanhã. Incertezas em relação a um futuro desconhecido devido à propagação da AIDS. Pode ser que amanhã os dois estejam contaminados e condenados à morte, mas eles não têm culpa, afinal o que querem é somente um momento de amor, de afetividade, de calor humano, de sexo, nem que seja somente por uma noite.

Para o protagonista, encontrar o parceiro nesta “cidade escura”, “louca”, “doente”, “podre”, contaminada pela peste, representa para ele um fio de esperança, a possibilidade da concretização do desejo sexual e afetivo pelo corpo de outro homem.

Em tempos tão árdios, marcados pelo medo e pela contaminação da AIDS, a solidão e a angústia são sentimentos fortes e onipresentes no cotidiano daqueles que se vêem estigmatizados e discriminados somente porque seus desejos afetivos, sexuais e eróticos são por pessoas do mesmo sexo. De tal modo que a fugacidade de um momento de acolhimento, de reciprocidade afetiva e sexual pode marcar profundamente a memória do protagonista, que a resgata, aos fragmentos. Estes ainda nos revelam a imagem de um ser humano “acostumado a apenas consumir pessoas como se consome cigarros, a gente fuma, esmaga a ponta no cinzeiro, depois vira na privada, puxa a descarga, pronto, acabou (ABREU, 2002b, p. 191). Esta citação nos remete novamente à questão da fugacidade dos relacionamentos na contemporaneidade nos quais o ser humano é reduzido, com certa frequência, a um reles objeto sexual, que é descartado após ser usado.

Trata-se de uma imagem que põe em evidência tanto a fragilidade dos laços afetivos na contemporaneidade, quanto às representações de uma experiência urbana balizada por aspectos, em sua maioria, negativos para o protagonista. No entanto, apesar de estar cansado, ele ainda procura por um amor, embora o medo da contaminação faça com que essas aproximações se tornem cada vez mais escasso porque, conforme afirma o próprio protagonista, “o vírus caminha em nossas veias, companheiro” (ABREU, 2002b, p. 189).

E este vírus é letal. A ameaça de morte pela AIDS é constante, daí a presença do medo em ser contaminado. Amor e medo. Amor e morte. Eros e Tântatos. Vida e pulsão de morte, de destruição:

medo é culpa, medo é moral – não vê que é isso que eles querem que você sinte? medo, culpa, vergonha – eu aceito, eu me contento com

pouco – eu não aceito nada nem me contento com pouco – eu quero muito, eu quero mais, eu quero tudo.

Eu quero o risco, não digo. Nem que seja a morte.

Cachorro sem dono, contaminação. Sagüi no ombro, sarna. Até quando esses remendos inventados resistirão à peste que se infiltra pelos rumbos do nosso encontro? Como se lutássemos – só nós dois, só os dois, sóis os dois – contra dois mil anos amontoados de mentiras e misérias, assassinatos e proibições. Dois mil anos de lama, meu amigo. Esse lixo atapetando as ruas que suportam nossos passos que nunca tiveram aonde ir (ABREU, 2002b, p. 189-190).

O sentimento de medo, de culpa e de vergonha é resultante daquela representação moral e social da AIDS de que fala Jodelet. Tais representações que vêem a doença como punição àqueles “desviados” dos ditos “bons costumes” e das “boas condutas” a serem seguidas, são condenados/punidos com o seu vírus e, por isso mesmo, deveriam ter medo, culpa e vergonha de suas atitudes, ações e modos de viver.

A marca dessa punição é feito sarna no ombro, visível a todos. A comparação do protagonista e daqueles outros seres contaminados pelo vírus a um “cachorro sem dono, contaminação” nos remete a uma imagem da própria perambulação pelas ruas da metrópole, um caminhar errante pela cidade contaminada, doente. Seres caminhantes, sem donos, sem afetividade, sem lar, sem um espaço para se refugiarem. Seres errantes em constante busca pelo outro, em uma incessantemente procura pelas ruas, de tal modo que “[a]s ruas, mais do que espaço de encontro furtivo, traduzem a deriva e a instabilidade do desejo, que do estigma passa a ser um lugar-comum da afetividade urbana” (LOPES, 2002, p. 144).

Na maioria das vezes, essa caça ao outro se torna vã, pois este não é encontrado em lugar algum. Daí o sentimento ainda maior de abandono, solidão, dor e carência de amor advinda principalmente da ausência daquele que propiciou ao nosso protagonista, somente por uma noite, um momento de prazer.

Nesse sentido, “[n]a deriva afetiva e sexual contemporânea, a Aids é não só um elemento de afirmação da condição estrangeira do homossexual mas de redefinição de sua afetividade, de reencontro” com o outro (LOPES, 2002, p. 144). Essa deriva espaço-temporal se conjuga perfeitamente à deriva do desejo, aos (des)encontros de afetividade, à procura incessante pelo outro, às estratégias de sobrevivência em tempos de peste e de morte. Por isso a insistência do protagonista em continuar procurando pelo outro, mesmo que no corpo de outro homem: “te procuro em outro corpo, juro que um dia eu encontro. Não temos culpa, tentei. Tentamos” (ABREU, 2002b, p. 192).

Apesar dos sentimentos de medo, de culpa, de vergonha e da proximidade da morte, dada a condição de portador do vírus HIV, ainda há uma esperança por parte do protagonista em encontrar novamente aquele com quem teve uma noite de prazer, cujo cheiro e mancha de esperma ainda permanecem em seus lençóis. A última frase é emblemática do mapeamento subjetivo, afetivo e sexual dos personagens e/ou protagonistas homossexuais contaminados pela AIDS, uma vez que nos revelam tanto as suas carências quanto a ausência de um sentimento de culpa por terem tentado ser felizes em suas peregrinações urbanas. São experiências marcantes que deixam marcas profundas tanto no corpo quanto na alma desses personagens cuja experiência urbana é balizada pela

dor, pelo sofrimento, pela solidão, pela estigmatização e, principalmente, pela carência afetiva.

Já a perspectiva adotada em “Depois de agosto”, conto que também está incluído em *Ovelhas negras*, revela ao leitor, de forma explícita, a possibilidade de recomeço de uma relação homoafetiva entre dois homens aidéticos. Trata-se de “uma história positiva” (ABREU, 2002b, p. 224), uma história da possibilidade de, apesar da contaminação pelo vírus HIV e da morte anunciada pela doença, continuar vivendo e fazendo projetos de vida, pois ainda há tempo para a vida, para o amor e a felicidade porque ainda é cedo demais para morrer.

Segundo Caio F., no conto do conto, essa história “foi escrita em fevereiro de 1995, entre Rio de Janeiro, Fortaleza e Porto Alegre” (2002b, p. 224). O processo de construção e elaboração dessa narrativa ocorre, pois, em um momento no qual o autor já se encontra ciente de sua condição de aidético, aproximadamente na mesma época em que ele segue para Porto Alegre, após sair do hospital Emílio Ribas.

Nessa narrativa, desde o conto do conto o autor dá indícios ao leitor das perambulações urbanas do protagonista. Trata-se de uma experiência urbana por três capitais do Brasil: uma no nordeste, Fortaleza; outra no Sul, Porto Alegre; e uma no centro, entre as duas, Rio de Janeiro. O deslocamento espaço-temporal do protagonista se dá principalmente a partir do verão. É esta peregrinação por cidades, avenidas, ruas, bares e praias que irá possibilitar ao protagonista condição para uma possível redefinição da possibilidade de um reencontro de uma afetividade e uma vontade de continuar a viver, apesar de estar contaminado pela AIDS.

A carência afetiva, a ausência de amor é a dor mais forte, que mais dói e marca profundamente nosso protagonista, principalmente porque ele tem ciência de que é tarde demais, que seu tempo está passando rapidamente e o dia de amanhã e depois de amanhã é simplesmente uma incógnita para ele. Mas era melhor não pensar muito nessas coisas, afinal a primavera se aproximava, com suas flores, cheiros e cores que o inebriam. No entanto, este instante de deleite da primavera é bruscamente interrompido por uma rotina diária de medicamentos para tentar controlar os sintomas da doença: “Nem sempre ria. Pois havia também horários rígidos, drogas pesadas, náuseas, vertigens, palavras fugindo, suspeitas no céu da boca, terror suado estrangulando as noites e olhos baixos no espelho a cada manhã, para não ver Caim estampado na própria cara” (ABREU, 2002b, p. 226).

Chegado o verão e restabelecidas as forças durante sua estadia na cidade do sul para onde se mudara, nosso protagonista resolve viajar, aproveitar um pouco mais o tempo que lhe resta. Na praia, pelos indícios do texto, na cidade do Rio de Janeiro, sente-se melhor, mais bonito, com uma aparência agradável propiciando a ele passar por uma pessoa “normal”, sem nenhum indício da doença. De sua cadeira da praia, ele observa os corpos masculinos malhados, bronzeados, expostos ao sol, mas “para sempre inatingíveis jogando futebol na areia” (ABREU, 2002b, p. 227). Mas se ao invés de ser tarde demais, fosse cedo demais. Cedo demais para a morte, pensou ele. Tudo se resumia ao antes e ao depois, à vida e à morte, dois impulsos em pontos completamente opostos, mas que se completam. Enfim, naquele momento, na praia, estava feliz mesmo sozinho, solitário, sem ter com quem compartilhar suas alegrias e seus fugazes prazeres até receber um telefone de um amigo de um amigo que lhe disse que ele estava lá, sozinho, recomendando para que cuidasse dele.

Apesar deste sentimento inicial de ser invadido pelo outro, por se preocupar com sua saúde tão frágil, o protagonista resolve ceder ao pedido dele e marcar um encontro para se

conhecerem. O que poderia ser um aparente desastre para o protagonista em seu descanso de verão, torna-se um momento de aproximação e de um possível laço de afetividade, de reencontro. Ainda não é tarde demais para o amor, para a vida, para a esperança. É cedo demais para morrer, para se entregar à doença. O impulso de vida e de amor é mais intenso e forte do que o de morte. Essa aproximação inicial do outro causa certo desconforto no protagonista, o que o leva a pensar no porquê de sua atitude mesmo sabendo que ele é portador do vírus.

Mesmo sabendo da contaminação do protagonista o outro dele se aproxima, sente o calor de seu corpo, a rigidez de seus músculos, os pelos eriçados com o toque meio sem jeito, meio que por acaso, e “de repente meu santo antônio um beijo de língua morna molhado na boca até o céu e quase a garganta alagados pelos joelhos na chuva tropical de Botafogo” (ABREU, 2002b, p. 229).

No outro dia, o protagonista acorda em outra cidade, bem mais ao norte, dados os indícios, a cidade de Fortaleza. Por instantes, ele tem consciência de que ainda não está morto, de que ainda há tempo para viver, amar, desejar o outro, seu corpo, seu cheiro, seu calor. De súbito, o desejo carnal, sexual por aquele que ousara romper as barreiras do preconceito, do estigma e do medo, ao beijá-lo, torna-se mais forte e intenso. Infelizmente, por não suportar essa ideia de um possível recomeço que poderia não se concretizar e também “porque não suportava mais todas aquelas coisas por dentro e ainda por cima o quase-amor e a confusão e o medo puro, ele voltou à cidade do centro. Marcou passagem de volta para a sua cidade ao sul em uma semana. Continuava verão [...]. Fatídica, pois, a volta. Em sete dias” (ABREU, 2002b, p. 231).

Essa volta à cidade do Rio de Janeiro guardava para o protagonista momentos que iriam marcar uma nova etapa em sua vida como soropositivo. Cada um em um dos lados da cidade, ambos tensos, com saudades um do outro, eles ensaiavam ligações que não eram atendidas, e quando eram o silêncio reinava absoluto entre ambos ao reconhecer a voz um do outro. Uma curta estadia marcada profundamente nos primeiros três dias por uma aflição: “afligia muito querer e não ter. Ou não querer e ter. Ou não querer e não ter. Ou querer e ter. Ou qualquer outra enfim dessas combinações entre os querer e os teres de cada um, afligia tanto” (ABREU, 2002b, p. 231).

Como o desejo do protagonista pelo outro volta com maior intensidade, por fim ele resolve marcar um encontro entre ambos. A adrenalina, a ansiedade, o desejo, a excitação e o medo se mesclam por ocasião do primeiro encontro entre os dois personagens homossexuais. Na casa do outro, o protagonista, sentado na sala amplamente iluminada, falava sem parar sobre variados assuntos por causa de seu nervosismo. E o outro simples e calmamente o ouvia até o momento que convida o protagonista para sentar ao seu lado para lhe dizer, segurando suas mãos, que também é soropositivo, o que o deixa, de certo modo mais calmo, compreendendo finalmente o porquê de sua aproximação.

Na cama, seminus, eles falam sobre suas vidas, seus passados, seus sonhos, sobre o antes e o depois da doença. Enfim, eles dialogam por horas sobre assuntos variados, conhecendo um pouco um do outro naquele momento de intimidade, de afetividade, de carinho e amor. Momentos para os quais o protagonista havia pensado ser tarde demais, principalmente para o amor.

A possibilidade de continuar a viver e amar estavam se concretizando, o que parecia impossível torna-se real. A ausência de afetividade e de amor no cotidiano dos personagens homossexuais, dada sua condição de soropositivos, certamente é o que mais dói e marca profundamente suas vivências e experiências urbanas.

É justamente em decorrência dessa condição de serem soropositivos, de sujeitos que lutam diariamente para sobreviver um dia após o outro, para viverem o presente como se fosse o último dia de suas vidas que os dois personagens resolvem não fazer nenhum plano juntos, pois havia muitas possibilidades contidas naquela esperança de uma continuidade. Afinal, são tantas as opções do que poderia vir a ocorrer que é melhor não planejar nada, apenas deixar o impulso de vida e de amor guiá-los pelos caminhos da vida.

Um pacto que sela a possibilidade de uma afetividade entre dois personagens homossexuais aidéticos. Há, portanto, um fio de esperança no horizonte desses seres estigmatizados, renegados às margens da sociedade. A possibilidade do recomeço de um novo modo de vida, uma nova configuração/redefinição da afetividade, fruto de estratégias de sobrevivência em tempos de peste e da morte. Eis o que os mapeamentos subjetivos e ficcionais da produção de Caio F. – cartas/crônicas/contos – revelam ao leitor.

Conclusão

Gostaríamos de encerrar nossas reflexões com uma citação de Denílson Lopes que sintetiza esses mapeamentos subjetivos e ficcionais da carência de amor aos (des)encontros de afetividade na metrópole: “A obra de Caio Fernando Abreu representa uma frágil possibilidade de leveza, do sim, em meio a tanta dor e indiferença, de encontros em meio a tantos desencontros, de histórias que digam respeito a um mundo tão pleno de informações e carente de sentidos” (2002, p. 159).

Referências Bibliográficas

- ABREU, Caio Fernando. *Cartas*. Organização de Ítalo Moriconi. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002a.
- _____. *Ovelhas negras* (de 1962 a 1995). Porto Alegre: L&PM, 2002b.
- _____. *Caio 3D: o essencial da década de 1980*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- BESSA, Marcelo Secron. *Histórias positivas: a literatura (des)construindo a AIDS*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- _____. *Os perigosos: autobiografia e AIDS*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- JODELET, Denise. As representações sociais: um domínio em expansão. In: _____ (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p. 17-44.
- LOPES, Denílson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- MORICONI, Ítalo. Introdução. In: ABREU, Caio Fernando. *Cartas*. Organização de Ítalo Moriconi. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002, p. 11-22.
- OLIVEIRA, Antonio Eduardo de. Corpo, memória e AIDS na obra de Caio Fernando Abreu. In: *Bagoas*. Revista de Estudos gays. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Natal: EDUFRN, 2007, n. 3, 2009, p. 115-126.

PERLONGHER, Nestor. Territórios marginais. In: MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (Org.). *Na sombra da cidade*. São Paulo: Editora Escuta, 1995, p. 81-116.

ⁱ **Prof. Dr. Flávio Pereira CAMARGO**. Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: camargolitera@ufet.edu.br ou camargolitera@gmail.com